



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Os trabalhadores na batalha contra a exploração

A classe operária e as massas trabalhadoras no seu conjunto avançam com crescente energia e determinação na luta contra a exploração capitalista, por melhores salários e condições de vida.

Com as armas da unidade e da organização por ela forjadas, escolhendo a forma de luta mais indicada para cada caso, a classe operária pode arrancar importantes conquistas ao patronato, como acabam de o provar os metalúrgicos da Oliveira & Ferreirinha, de Matosinhos, e da Trefilaria de Sacavém.

Outros sectores profissionais vêm também à luta. O funcionalismo transforma em acção o seu descontentamento contra o Estado-patrão, com particular destaque para a movimentação do pessoal de enfermagem, dos professores do ensino preparatório e dos sargentos, que protestam contra a insignificância dos aumentos.

A importância da organização é cada vez melhor compreendida pelos trabalhadores. Na maioria das empresas, os trabalhadores formam as suas Comissões de Unidade para coordenarem e orientarem a luta pelas suas reivindicações comuns, impõem as suas próprias comissões, conquistam passo a passo o direito de reunião nas empresas e nos sindicatos para discutirem os seus problemas e as reivindicações a apresentar. Ao nível de região,

os operários de diversas empresas trocam opiniões acerca da sua luta e do caminho a seguir.

As classes trabalhadoras acorrem aos sindicatos transformando-os em verdadeiros campos de batalha pela conquista das suas reivindicações, contra a exploração e as falcatruas do patronato e do governo.

Forçado a recuar ante a acção unida e organizada dos trabalhadores, o patronato não se dá por vencido e procura retirar com uma mão aquilo que não pode deixar de dar com a outra. Só a vigilância e a firmeza combativa dos trabalhadores conseguem fazer fracassar estas manobras, tal como os operários da Cimento Tejo e da Oliveira & Ferreirinha acabam de demonstrar.

PARALISAÇÕES NA OLIVEIRA & FERREIRINHA

Reagindo à infame exploração de que são vítimas, os operários da metalúrgica Oliveira & Ferreirinha, em Matosinhos, passam à acção.

No dia 21 de Janeiro, nas secções de rebordagem, fundição e atarrachamento, os operários do turno das 6 horas não pegam no trabalho e em massa reclamam um aumento de 7\$50 diários jun-

Com ameaças, represálias e manejos sem escrúpulos, os exploradores procuram dividir, entrar e castrar a luta dos trabalhadores. Porém, estes não se deixam vergar, dão provas de elevada consciência de classe e solidariedade operária e voltam ao ataque.

Pelo nível e amplitude que estão tomando, as lutas reivindicativas da classe operária e das massas trabalhadoras mostram que se agudiza a luta de classes em Portugal. Não há nem pode haver conciliação entre classes exploradoras e exploradas. Na encarnizada luta entre o capital e o trabalho, a classe operária e os trabalhadores em geral temperam as armas da vitória sobre o capitalismo.

to dos encarregados. Como estes nada decidissem, voltam a paralisar o trabalho às 9 horas e vão reclamar aumento junto dos chefes que acabavam de entrar. Às ameaças é interrogatório destes, os operários respondem corajosamente: «ou nos pagam ou não trabalhamos» e, «não trabalhamos porque não nos dão» (continua na 3.ª pág.)

ABAIXO AS GUERRAS COLONIAIS! manifestação em Lisboa

No mesmo dia em que o ditador Caetano falava aos seus pupilos da «Acção Nacional Popular» da aceitação da sua política colonial pelo povo português, cerca de 500 jovens manifestavam-se nas ruas de Lisboa contra as guerras coloniais, exigindo o seu termo, o regresso dos soldados, e o reconhecimento à autodeterminação dos povos de Angola, Moçambique e Guiné.

Desafivelando mais uma vez a sua máscara «liberalizante», M. Caetano mandou atirar as forças repressivas e os cães policiais contra os jovens que manifestavam o seu pleno desacordo com a política colonial do governo caetanista.

Cerca de 30 jovens foram presos. Há que organizar sem perda de um momento as acções necessárias para os arrancar das prisões.

Adoptando o Dia 8 de Março como Jornada Internacional da Mulher, o 2.º Congresso das Mulheres Socialistas realizado em 1910 em Copenhaga lançava um apelo às mulheres do mundo inteiro para unirem os seus esforços na luta pela conquista dos seus direitos, contra a exploração capitalista e o militarismo, pela Paz.

Inspirada nos ideais do marxismo-leninismo, a luta das mulheres pela sua emancipação tomava novas dimensões, na sua expressão democrática, patriótica e internacionalista.

À volta da tão falada «questão feminina», surgiam então em vários países ideias estreitamente feministas que a própria burguesia governante estava interessada em acalantar.

Lénine criticou mordazmente estas manobras da burguesia capitalista cujo objectivo era adormecer a consciência de classe das trabalhadoras, desviá-las da luta contra a exploração de que eram vítimas e orientar os justos anseios de emancipação das mulheres para acções que não pu-

nam em causa o poder das classes exploradoras.

Orientadas pelos conselhos de Lénine, as participantes no Congresso de Copenhaga combatiam o oportunismo dessas ideias procurando pôr em marcha um movimento de mulheres à escala internacional, ligando as suas reivindicações específicas à luta geral dos povos contra o jugo capitalista e pela Paz.

Tal como Lénine ensinava e a própria vida demonstrou, só o socialismo crie as condições indispensáveis para a verdadeira emancipação da mulher. Na União Soviética, tal como nos restantes países socialistas, o reconhecimento da igualdade dos direitos da mulher não é apenas afirmado pela lei. Direitos iguais aos do homem quanto ao trabalho, salário, repouso, segurança social e instrução; a protecção crescente dos interesses da mãe e da criança pelo Estado; a concessão de férias durante a maternidade sem diminuição de salário; a existência duma larga rede de maternidades, de creches e jardins de infância e outras regalias têm permitido a efectiva promoção da mulher em todos os domínios.

Fiéis aos ensinamentos de Lénine, as mulheres dos países socialistas, com a União Soviética à frente, prestam uma ajuda constante e solidária às mulheres dos outros países em luta contra as

NOMES DIFERENTES o mesmo conteúdo antipopular

O chamado V Congresso da chamada União Nacional não passou duma mascarada para propiciar a €00 apaniguados do regime uma dispendiosa passeata e estadia no centro de prazeres da burguesia nacional e internacional — o Estoril.

Tudo fora resolvido antes por M. Caetano e explicado depois pelo mesmo M. Caetano; do que se conclue que o aborto — Acção Nacional Popular — dado à luz pela descreditada «União Nacional» não irá ter vida e actuação mais brilhantes do que esta.

As mudanças de nomes dos velhos fantasmas fascistas-salazaristas visam naturalmente fazer esquecer, senão apagar da memória do povo português, todo um cortejo de atentados contra os interesses do povo e do País, roubos, crimes, corrupção, atraso e miséria, mas não modificam a essência fascista do regime.

É, pois, uma mudança de regime e de política num sentido verdadeiramente democrático e popular que é preciso operar em Portugal. Objectivo, porém, que implica necessariamente o derubamento da ditadura fascista pela violência das massas populares, já que a estas não resta outra via, como ficou mais uma vez demonstrado pelo discurso de M. Caetano de 21 de Fevereiro.

Não foi por se chamar «nacional socialista» que o partido hitleriano deixou de ser nazi-fascista, como não será por se passar a chamar «nacional popular» que o partido caetanista deixará de ser antinacional, antipopular e fascista, tal como o era antes a «União Nacional».

Não será para espantar se dentro em breve acordarmos com a milícia fascista, «Legião Portuguesa» rebatizada de Liga qualquer coisa. O objectivo será sempre o mesmo: fazer passar gato por lebre. Não conseguirão enganar as massas populares, mas nem por isso deixa de ser um esforço da camarilha caetanista

(continua na 2.ª pág.)

O DIA INTERNACIONAL DA MULHER no centenário do nascimento de Lénine

agressões imperialistas, o jugo do fascismo e do colonialismo.

Esforzando-se por estruturar um vasto movimento de mulheres contra todas as discriminações a que estão submetidas pelo fascismo, lutando pelos seus direitos de mães e trabalhadoras, solidarizando-se com as heróicas mulheres vietnamitas, com a luta abnegada das mulheres de Angola, Guiné e Moçambique, as mulheres portuguesas ligam a sua acção à luta geral do povo português pela sua libertação e à luta de todos os povos do mundo pela Liberdade, pelo Progresso e pela Paz.

Tal como milhões de mulheres, nos outros países, as mulheres portuguesas, ao comemorarem o dia 8 de Março no ano do centenário de Lénine, não podem esquecer o nome daquele que com maior ardor e intransigência defendeu os direitos da mulher — o nome de Lénine — cujos ensinamentos geniais, ao longo dos anos, mais têm contribuído para abrir os caminhos da plena emancipação às mulheres em todo o mundo.



FIRMES NAS SUAS POSIÇÕES DE COMBATE

os estudantes verão satisfeitas as suas reivindicações

Colhido nas malhas da sua própria demagogia ante o desenvolvimento impetuoso da luta dos estudantes, o governo fascista de M. Caetano é forçado a dar os primeiros passos para a satisfação de algumas das mais prementes reivindicações estudantis.

O reconhecimento público da razão dos estudantes, as declarações do novo Reitor da Universidade de Coimbra e a recente decisão ministerial sobre a representação dos estudantes na gestão da Universidade representam com dívida importantes conquistas dos estudantes.

Na Universidade de Coimbra, onde a acção estudantil tomou no ano passado as formas mais vigorosas, a muralha da intransigência do governo começa a abrir brechas. É significativo que o discurso de posse do novo Reitor tenha sido iniciado com a «defesa» da representatividade dos estudantes na Academia e com o desejo da revisão das disposições vigentes, que o próprio Reitor classifica de «desactualizadas, injustas ou mesmo iníquas». Significativa é igualmente a sua promessa pública de medidas de emergência para a normalização da vida associativa estudantil. Ao ler expressamente o seu discurso para os 6.000 estudantes concentrados no átrio da Universidade e ao dar a palavra aos estudantes, por intermédio duma dirigente associativa que os representava, o novo Reitor fazia o primeiro gesto para a abertura do diálogo, tão firme e insistentemente reclamado pelos estudantes.

No entanto, prometendo a construção duma «Universidade Nova» baseada na «pacificação» e na «despolitização», o novo Reitor responde vaga e confusamente a uma profunda aspiração estudantil.

Que se deve entender por «pacificação»? O fim de todos os entraves, arbitrariedades e violências repressivas com que o governo tem procurado sufocar as justas reivindicações dos estudantes? Tal pacificação, quem mais do que os estudantes tem o

direito de a exigir? Por terem defendido tenazmente e com coragem, ao longo dos anos direitos que só agora o governo passou demagogicamente a reconhecer, milhares de estudantes viram prejudicada a sua vida escolar, foram expulsos da Universidade, sujeitos a arbitrários processos disciplinares e judiciais, enviados punitivamente para o exército colonialista, collocaram as prisões e as violências policiais.

Se, por «pacificação», se pretende a atitude crédula e passiva dos estudantes ante a hipocrisia e o arbítrio de que o governo não tem deixado de dar provas, tal «pacificação», os estudantes não a podem aceitar.

A quem e para quem pede o novo Reitor a «despolitização» da Universidade? Será por acaso uma medida de «despolitização», o encerramento da Faculdade de Direito em Lisboa, decisão tomada pela primeira vez por um Conselho Escolar, obedecendo a uma manobra do governo com vista a inocular o ministro da Educação Nacional e transformar organismos académicos em instrumentos da repressão fascista?

Um governo fascista, por natureza contrário aos interesses da nação e do povo, não se decide subitamente e por vontade própria a defender a instrução e a cultura para o povo. Tal governo, é evidente, não está nem pode estar interessado numa verdadei-

ra reforma e muito menos na democratização do ensino. Sob a alçada de tal governo, a Universidade será sempre ideológica e politicamente reacçãoária. Nestas condições, o embate entre as forças do progresso e do obscurantismo não pode deixar de ter lugar. É, pois, pura demagogia falar em «pacificação», «despolitização» e «democratização do ensino» sob o regime fascista que nos oprime.

Pela sua própria experiência, os estudantes não ignoram que a resposta afirmativa a algumas das suas reivindicações fundamentais nunca passarão de belas palavras se se deixarem adormecer ao som de promessas tranquilizantes. O encerramento sucessivo de Faculdades, a continuação dos atentados contra os seus direitos associativos, num momento em que o governo grita aos quatro ventos as suas belas intenções de «imediata reforma» e de «participação» são apenas um aviso de que nada ganharão e tudo poderão perder se em vez de avançar resolvessem ficar na expectativa.

Em Coimbra, numa exposição entregue ao novo Reitor, 5.000 estudantes reafirmam as suas reivindicações imediatas e reclamam a sua satisfação. No Instituto Industrial de Lisboa, onde o director proibira a realização dum ciclo de colóquios sobre o ensino, chamara a polícia duas vezes para o impedir, e onde es-

acabara por se instalar a título permanente, depois duma reunião geral com 500 estudantes, o director é forçado a ceder em todos os pontos fundamentais. Em Económicas, no Técnico, nas Faculdades de Letras e de Direito em Lisboa, e noutras escolas, os estudantes defendem com firmeza os seus interesses pedagógicos e associativos.

Pela acção dos estudantes, o governo foi forçado a ceder no sentido de ser permitida a sua representação (e não «participação», como o governo pretende), nos Conselhos Escolares da Universidade. Ante a actual tentativa do governo de transformar estes organismos em instrumentos da repressão, os estudantes devem estar prevenidos contra todas as manobras e ciladas. Impõe-se por isso o controle democrático dos representantes estudantis, através das suas Associações. A luta pela defesa e legalização das Associações, únicas representantes legítimas dos estudantes, é pois uma indispensável etapa que urge vencer nesta batalha.

Aproveitar ao máximo as posições alcançadas e prosseguir e intensificar a luta pelas reivindicações pedagógicas, associativas, sociais, culturais, a par de outras acções específicas pela Reforma do Ensino, eis o caminho para que se não traduzidas em actos as promessas feitas e para avançar para novas conquistas.

O mesmo conteúdo antipopular

(continuação da 1.ª pág.)

para ganhar um apoio que o povo sempre lhe tem negado. No entanto, não queremos dizer com isto que não tenham conseguido provocar aqui e ali alguma perturbação e confusão e mesmo enganado alguns.

O estilo caetanista é sem dúvida diferente do de Salazar, mas a coisa é a mesma. Caetano mistura-se um pouco com o povo, coisa que Salazar não fazia, e proclama mesmo que o povo «constitui o substrato da comunidade nacional, onde se concentram as grandes reservas da energia moral e da riqueza económica do país». «Os tempos mudaram. Salazar falava nas elites como as predestinadas a mandar e explorar as massas laboriosas, mostrando um desprezo soberano pelo povo. Caetano, servindo os mesmos interesses de uma dúzia de famílias multimilionárias, passou a elogiar o povo e a atribuir-lhe todas as virtudes. Os tempos são outros e então vá de afivelar a máscara e passar a elogiar as massas populares para melhor as enganar e explorar ainda mais o seu trabalho.

Todos são bem vindos, todos padam exprisar-se livremente, mas, ali lá, dentro dos princípios que enformam o meu Estado Novo Corporativo e a minha União Nacional, de contrário sereis subversivos e anti-nação, dizia Salazar. Todos sereis bem vindos, todos podem exprisar-se livremente, colaborar, actuar para o bem comum mas apenas dentro dos princípios que enformam o meu Estado Social e a minha Acção Nacional Popular, de con-

trário sereis anti-patrióticos e subversivos e como tal trata-os, diz hoje M. Caetano.

Com Salazar, o «génio», o «maior estaquista de todos os tempos», oiziam que tudo ia pelo melhor no melhor dos mundos possíveis, enquanto que por essa Europa fora tudo era «caos» e «desorde», fruto dos malefícios da democracia, do direito de greve, etc. A verdade, porém, conhecida e reconhecida é que Portugal, durante os 40 anos do seu reinado não avançou um centímetro mais em relação aos tais países, antes se atrasou quilómetros.

Com Caetano, o conteúdo é o mesmo, embora as palavras difiram por vezes. Não tem afirmado ele e os seus apuniguados que as regalias sociais dos trabalhadores portugueses são mais largas e a legislação que as regula das mais avançadas do mundo e apenas fruto da bondade do patrão e das virtudes do regime?

A «ordem pública», a «autoridade do Estado», a «disciplina», assim como a histeria anti-comunista, a «alémia» contra os democratas, a mentira histórica e actual sobre a situação nacional e internacional, são armas do arsenal salazarista. Desse mesmo arsenal veio também a teoria aberrante da «integridade territorial» com que se procura cobrir as criminosas guerras coloniais.

Aos crimes monstruosos da polícia política, nas suas várias versões, Salazar deu-lhes o nome de «saneões a tempo». M. Caetano chama-lhes agora «infeições» de alguns procedimentos, resultados menos convenientes ou menos razoáveis. Mudou o tom mas não o cinismo.

Com o seu habitual malabarismo, M. Caetano procurou mimimizsar o sucesso do movimento democrático nacional durante as últimas eleições» embrulhando as palavras de modo a concluir que a luta eleitoral da Oposição Democrática decorreu sob a bandeira da social-democracia. O objectivo é claro, mas que lhe agradeça quem se sentir elogiado porque os democratas unitários não se deixaram confundir, estamos certos disso.

Caetano, como Salazar o fazia, grita que os bons portugueses foram sempre convidados a entrar na «União Nacional» des-

de que quisessem juntar-se (e eles juntaram-se) no propósito de servir a Nação, de trabalhar em prol da Nação, de abdicar de tudo quando não fosse do interesse nacional».

O desinteresse pessoal dos apuniguados do regime é bem conhecido pelo nosso povo. Dos dirigentes oriundos de famílias modestas a que aludiu Caetano no citado discurso, como ele próprio, Vieira Machado, Tenreiro, Ulisses Cortês, Teixeira Pinto, Daniel Barbosa, Santos Júnior, Castro Fernandes, Franco Noqueira, etc, etc, todos conhecem de sobejo o seu desinteresse pessoal em holocausto do interesse nacional. E que dizer dos «modestos» bancos e empresas do princípio da ditadura, transformados hoje em verdadeiros colossos? E como explicar que 700 senhores tenham acumulado cada um deles fortunas superiores a 1 milhão de contos, senão porque heróica e patrioticamente abdicaram de tudo quanto não era do interesse nacional?

Nem as mudanças de nome, nem a diferença dos métodos de actuação mudam a natureza fascista do regime, nem conseguem encobrir a podridão que o corrói.

Organizar melhor e intensificar a luta para lhe apressar o fim, eis a tarefa patriótica que se coloca a todos aqueles que aspiram a um Portugal democrático, livre, independente e progressivo.

A LUTA NOS QUARTÊIS

Na Escola da Armada, em V.ª Franca de Xira, cerca de 2.000 marinheiros fizeram um levantamento de rancho no dia 8 de Janeiro, em sinal de protesto contra a insuficiência e a má qualidade da alimentação.

Abandonando ostensivamente o refeitório, os marinheiros continuaram a protestar em altos gritos na cerca da escola, sem darem ouvidos às ordens dos superiores.

Em resultado desta acção, no dia seguinte a alimentação tinha melhorado sensivelmente.

Rádio Moscovo

Todos os dias das 19,30 às 20 h, e das 20,30 às 21 horas, nas bandas de 31, 41 e 49 metros.

(continuação da 1.ª pág.)

« aumento que pedimos ».

Ante a firmeza, a união e decisão dos trabalhadores, o patronato acena com um prémio quinzenal de assiduidade.

Não queremos «prémio» queremos é o aumento!

Assim respondem sem vacilar os valentes operários da Oliveira & Ferreirinha.

As ameaças de despedimento e de repressão policial dos exploradores nada puderam contra a barreira unida que os operários tinham formado. São os exploradores que têm que ceder mostrando-se dispostos a negociar. Os operários escolhem imediatamente uma Comissão de 9 e só retomam o trabalho 2 horas depois de o terem paralisado.

O 2.º turno toma a mesma posição não pegando no trabalho durante uma hora; reforça-se assim a unidade e a determinação que animaram os operários até à vitória.

No dia seguinte, quando a Comissão de Unidade comunica a todos que a empresa insiste no «prémio» e nega o aumento, todos se mantêm firmes e prosseguem a luta.

Unidos como um só conquistam o aumento

Tentando quebrar a unidade e combatividade dos operários, os patrões despedem 3 deles, mas logo todos como um só se encaminham para a saída: «se vão três, vamos todos». Nova paralisação durante uma hora. Como na véspera, o turno da tarde paralisa de novo.

Decorridos 3 dias de luta, ambos os turnos voltam a paralisar uma hora gritando os operários: «A luta continuará até conseguirmos o aumento pedido!».

NA TREFILARIA RECORREM À «CERA» E VENCEM

Reclamando aumento de salário e protestando contra a política de «escalões» que o patronato lhes queira impor, os operários da Trefilaria de Sacavém recorreram à «cera» durante uma semana, reduzindo para mais de metade a produção.

O patronato fez tudo para desorientar e dividir os trabalhadores. Com sítios e «conselhos» paternalistas, os chefes abordavam os operários tentando convencê-los a abandonar a luta, mas nada conseguiram além desta resposta de um operário: «Eu sei muito bem o que estou a fazer e não preciso dos seus conselhos». Os encarregados José Tavares, conhecido por «caranguejo» e Augusto, alcunhado de «O Rebelo», ambos da zingagem, e o encarregado Martins, da Paternagem deslucaram-se nestas manobras.

Convocados para uma reunião no refeitório, os operários acorrem em massa. Era o primeiro recuo do patronato. Acendendo a acabar com os escalões, o engenheiro chefe propõe um aumento geral de ordem dos 120\$00 mensais, mas não obtém o acordo dos operários que passam a reduzir ainda mais a produção.

Ao cabo duma semana de «cera», os operários mantinham firme o seu espírito de luta e forçavam o patronato a recuar de novo. O Melo diz-se pronto a receber uma comissão de operários que se forma rapidamente e transmite aos seus camaradas as propostas patronais. Aquele estava disposto a sentar-se à mesa para discutir com a Comissão, mas, «por favor», que

CONTRA A EXPLORAÇÃO

A gerência cede, enfim, não sem tentar retirar o subsídio de 2\$50 das horas extraordinárias. Quando à noite se fala em serão, a resposta dos operários é esta: «Ou dão o subsídio ou ninguém trabalha!» E obrigaram mais uma vez os exploradores a recuar. Tinham razão aqueles trabalhadores que diziam durante a luta: «Os tipos sem a gente não são nada».

Operários da Ferreirinha! O

Na Fábrica Central, na Marinha Grande, depois de 1 dia de greve, os aprendizes conquistaram o aumento geral de 5\$00 por dia; na Baptista Russo, em Lisboa, após várias diligências sob a forma de comissões à gerência, os operários alcançaram aumentos de 5 a 10\$00 diários.

Na Lisnave (Margueira), os operários acabam de alcançar o pagamento dos 30 dias e do 13.º mês. Estas conquistas são fruto da valente greve de Dezembro e não da «boa vontade e colaboração» de que fala hipocritamente a administração da empresa. Temendo o desenvolvimento de novas lutas, o patronato quer apresentar-se como grande benemérito aos olhos dos trabalhadores mas na verdade dá o menos possível. Ao atribuir o pagamento dos 30 dias, reduz imediatamente o acréscimo das horas extraordinárias passando-o de 125% para 75%. Enquanto chama compensação a este roubo descarado, promete o pagamento de 13.º mês desde que o operário «tenha bom e efectivo serviço». Com esta cajadada procura pelo menos matar 2 coelhos: prossegue e intensifica a desenfreada exploração à sombra das horas extraordinárias exigindo-as em maior número já que passam a

«Avante!» saúda-vos pela vossa valente luta. Com a experiência adquirida, ajudai os vossos companheiros das outras secções a organizarem o combate por aumento e outras reivindicações. A Comissão de Unidade constituída durante a luta é uma conquista que deveis defender. A exploração é permanente. Permanente deverá ser a Comissão para coordenar e orientar a vossa acção.

representar um menor encargo para a empresa; pôr os operários à compita com os olhos postos no 13.º mês e iludir uma justa reivindicação dos trabalhadores — o fim das horas extraordinárias.

A pronta resposta dos operários só pode ser esta: não fazer horas extraordinárias cu diminuir a produção em 50%!

Na CUF (Barreiro), também os exploradores Melos seguem a mesma tática de divisão concedendo aumentos nos subsídios de «mrito». Porém, os operários da zona têxtil manifestam o seu descontentamento recorrendo à «cera». Os trabalhadores reforçam a sua unidade e organização elegendo uma nova Comissão Geral e criando uma caixa de solidariedade destinada aos operários vítimas das represálias.

Na OLAIO, em Sacavém, depois dos aumentos do fim do ano (média de 10\$00 diários), os operários insistem na passagem a mais, no 13.º mês e no pagamento integral do salário pela empresa em caso de doença. O patronato foi forçado a aceitar o fim do chamado «Conselho dos Trabalhadores» formando os operários a sua própria Comissão, que será a sua Comissão de Unidade. Outra conquista de grande importância é o direito de passarem a reunir nas secções para aprovarem ou não os acordos que venham a ter lugar entre esta Comissão e o patronato.

Na FÁBRICA DE MALHAS CIRA (Castanheira do Ribatejo), depois de recorrerem à redução da produção, os trabalhadores foram informados do aumento de salário a partir de 1 de Janeiro e outras regalias.

No BANCO TOTTA & AÇORES (Lisboa), tal como ficou decidido na última Assembleia geral do Sindicato, os empregados deste Banco recusam-se a fazer horas extraordinárias. O patronato exerce represálias e provoca o forte descontentamento dos trabalhadores. Decidindo aumentar o pessoal na altura em que o contrato e tá na fase de arbitragem, os magnates deste Banco servem-se duma arma de 2 gumes. É já uma cedência cu ainda uma manobra de divisão? Em qualquer dos casos, a luta unida e solidária dos bancários deve prosseguir.

OS COBRADORES DOS TELEFONES lutam com êxito na empresa e no sindicato

No Sindicato, onde insistem para que as suas reivindicações sejam defendidas nas negociações para a alteração do A. C. T., os cobradores de Lisboa são informados do que os seus colegas do Porto não os acompanham na sua reivindicação fundamental. Agindo imediatamente, escolhem o melhor caminho: uma comissão é enviada àquela cidade a fim de discutir este e outros problemas da classe com os seus colegas do Porto.

Numa troca de opiniões e de experiências que se transforma numa verdadeira jornada de confraternização, os cobradores do Porto põem a descoberto a armadilha patronal: Tudo o que se passara no sindicato lhes era desconhecido. O delegado às negociações de Lisboa não era seu delegado mas simplesmente um chefe da empresa.

Os cobradores do Porto reivindicaram por sua vez e conquistaram uma regalia já alcançada pelos de Lisboa: a importância correspondente ao número de recibos que ficavam privados de cobrar enquanto preparavam ou efectuavam o pagamento ao pessoal.

Na Tudor (Castanheira do Ribatejo), os operários recusam-se a assinar os recibos do subsídio do fim do ano por mencionarem o dobro da importância que de facto receberam. Um engenheiro-chefe acabou por afirmar miseravelmente que se aquela quantia ali estava é porque tinha sido recebida. Os protestos dos operários devem prosseguir até que lhes seja paga a importância do recibo.

Na Cimentos Tejo (Alhandra), depois da recente conquista do salário mínimo de 80\$00 o patronato ensaiou retirar o subsídio de 4\$00 aos operários dos turnos da noite, mas estes agiram prontamente não consentindo que tal acontecesse.

Na TAP (Lisboa), através duma Comissão, os trabalhadores protestam contra as irregularidades dos horários e são atendidos na sua reivindicação.

Lutam também por aumento de salário e outras reivindicações: os corticeiros da margem sul do Tejo, que enviaram uma exposição com 600 assinaturas ao presidente do Conselho; os operários da Siderurgia Nacional (Seixal), através dum abaixo-assinado com 1.570 assinaturas, número inferior ao total recebido, pois várias listas foram destruídas por alguns encarregados; os operários da Ford, na Azambuja; os operários da Fábrica Hipólito (1. Vedras), que ficaram descontentes com os pequenos aumentos recebidos em Janeiro e formaram comissões de cada secção para reivindicar junto da gerência aumento geral compatível com a subida do custo de vida; os 500 operários da Corticeira (Cabo Ruivo) reclamam aumento através da sua Comissão; os operários da Utic (Lisboa) não devem ficar à espera dos ínfimos aumentos que a empresa estiver disposta a conceder. Aqui, como em todas as empresas onde ainda as não houver, os trabalhadores devem constituir as suas Comissões de Unidade para encabeçar a luta e apoiá-las em grandes concentrações junto da gerência e recorrer, se necessário a outras formas de luta mais vigorosas para impôr a satisfação das suas justas reivindicações.

No Sindicato, os cobradores de Lisboa não autorizam a direcção a assinar o A. C. T. por a classe não ter sido ouvida durante as negociações, recetendo o apoio e solidariedade do delegado do Porto que se encontra presente. Na mesma reunião, os cobradores resolveram por unanimidade que a comissão sindical

levaria ao conhecimento da empresa a sua decisão de passarem a entrar meia hora mais tarde e a levantar o serviço no próprio dia em que o iam executar e não na véspera como até então. Quando faltavam 2 dias para pôrem em prática esta forma de luta, o patronato cedia dizendo-se pronto a integrar no salário base cerca de 500\$00 e a satisfazer outras regalias. O que não queria é que os cobradores fossem para diante com a redução do horário. A forma de luta escolhida pelos cobradores foi, pois, um importante factor para a vitória que acabam de alcançar.

NA FRENTE SINDICAL OFENSIVA DOS TRABALHADORES por novos Acordos Colectivos de Trabalho

Numa reunião na sede do Sindicato dos vidreiros, 80 empregados de escritório da Marinha Grande rejeitam a proposta do respectivo sindicato quanto ao novo A.C.T. e apresentam várias alterações quanto a vencimentos, férias e assistência médica.

As diligências dos mecânicos e electricistas da TAP, seguiram-se as dos empregados de escritório (Conde Redondo) e da quase totalidade das classes do pessoal, levando à elaboração da contra-proposta geral para o A.C.T. já em poder do sindicato.

Dezenas de empregados de escritório do sector metalúrgico de Lisboa criticam a direcção. O seu primeiro A.C.T., que esperam há 10 anos, entrou no período da conciliação sem que os trabalhadores tivessem tido conhecimento do andamento das negociações até então.

Numa reunião solicitada por 600 operários da C.ª das Águas e realizada no Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Lisboa, os trabalhadores fazem pressão para a rápida assinatura do novo A.C.T.

Numa assembleia geral extraordinária, os profissionais da Pannificação do distrito de Lisboa, cujo A.C.T. entrou na fase de conciliação criticam a direcção e pedem a revisão dos estatutos para que não possam exercer cargos na direcção indivíduos com interesses nos Grémios.

Ao contrário do que foi publicamente informado pelo governo e a C.P., o A.C.T. dos Ferrovários não teve o acordo de todos os Sindicatos. O Sindicato dos Ferrovários dos Serviços Centrais e o Sindicato dos Electricistas do Distrito de Lisboa não assinaram. O primeiro, por não estar de acordo com as suas cláusulas, e o segundo por as desconhecer completamente.

Em grande número de Sindicatos, as irregularidades são flagrantes. No sindicato dos Ferrovários do sul (pessoal do movimento) há uma Comissão Administrativa há vários anos. No Sindicato dos Ferrovários do Sul (pessoal das oficinas), a direcção eleita em 1963 até hoje ainda não foi homologada. Os econo-

mistas têm encontrado os maiores obstáculos para o desenvolvimento da vida sindical desde 1948. Um despacho de 1955 acabou por retirar a aprovação dos estatutos ao Sindicato e as direcções eleitas posteriormente nunca chegaram a exercer qualquer mandato. No Sindicato dos Lanifícios da Covilhã, apesar da nova legislação sindical, a lista eleita pela classe esteve cerca de 10 meses à espera de homologação. Uma Comissão Administrativa está aninhada há vários decadas na Secção Sindical de Tortezendo. Os têxteis do Porto, ficaram a saber que as «anomalias» de que falara o delegado do I.N.T. ocorriam no Sindicato foram nada mais que um roubo de 500 contos cometido pela Comissão Administrativa durante o seu reinado. A acção da antiga direcção lacaiá contra a lista eleita pelos metalúrgicos em 26-2-69 foi declarada improcedente pelo Tribunal de Trabalho do distrito do Porto. Os metalúrgicos devem exigir a sua homologação imediata. Também os metalúrgicos de Braga devem exigir que seja empossada a lista eleita pelos trabalhadores.

Embora não tenha sido realizada a assembleia dos caixeiros de Lisboa, pela enorme afluência dos associados (cerca de 2.000), alguns caixeiros usaram da palavra pondo a nuas irregularidades da direcção e apelando para a unidade da classe. Apesar da falta de impressos, ilegalidade por todos constatada de 29-1 a 5-2 contaram-se inscrições da ordem das 5.000

TRABALHADORES! Só com a vossa acção enérgica e massiva podereis vencer as manobras do patronato e do governo e obter a rápida revisão dos A.C.T. Vigilantes e sem perda dum instante, forçai o patronato a cumprir os prazos estipulados e a respeitar tudo o que na lei vos for favorável! Direcções honestas nos sindicatos, acções simultâneas na empresa e no sindicato de acordo com as exigências do avanço da luta, eis o caminho para a conquista das vossas reivindicações fundamentais.

Quantias recebidas dos amigos do Partido

Alfredo Dinis	100\$	nomista	101\$00	€ 35	20\$00	melho	39\$00
Amigo arre- dores	50\$00	Lénine	500\$00	€ 36	200\$50	Idem	30\$00
Amigo do		Liberdade		€ 37	141\$50	O trabalhador	
Alentejo	40\$00	para Manuel		€ 38	137\$50	o socialismo	15\$00
A.M.P.	240\$00	Pedro	150\$00	€ 39	700\$00	socialismo ao	154\$00
Assim foi		Liberdade de		€ 40	44\$00	Paz em	
temperado		mocrática	300\$00	€ 41	282\$50	Angola	3.350\$00
o aco	265\$00	Luta pelo		€ 42	1.398\$00	Pela vitória	
Caterina		socialismo	1 000\$	€ 43	95\$00	do nosso P.	100\$
Eufémia	300\$00	Lista de Natal		€ 44	126\$00	Pelo social-	
Centenário de		n.º 8	131\$80	€ 45	370\$00	lismo	100\$00
Lénine	1 000\$00	€ 10	543\$50	€ 46	145\$50	Presos e per-	
Contra o fas-		€ 17	151\$50	€ 47	83\$20	seculidos	
cismo	1 000\$00	€ 18	80\$00	€ 50	822\$70	os indivíduos	1.460\$00
Dois amigos	1 000\$00	€ 19	237\$50	€ 54	495\$50	Idem	250\$00
Dois cama-		€ 20	182\$50	€ 58	25\$00	Idem	700\$00
radões	500\$00	€ 21	245\$00	€ 59	32\$00	Idem	250\$00
Emblemas de		€ 22	420\$00	€ 70	343\$00	Um demo-	
Lénine	150\$00	€ 23	125\$00	€ 73	20\$00	crata	1.000\$00
Estudemos		€ 24	218\$00	€ 75	765\$00	Um operário	
com afínico		€ 25	63\$50	€ 76	22\$50	da constru-	
o marxismo		€ 26	232\$50	€ 80	489\$70	ção civil	5\$00
leninismo	600\$00	€ 27	67\$50	€ 81	210\$00	Unidade	600\$00
F.S.	50\$00	€ 28	574\$50	€ 83	212\$00	Unidade de	
F.S.	50\$00	€ 29	380\$50	€ 90	300\$00	mocrática	3.000\$
José Gra-		€ 30	465\$00	€ 98	273\$00	Veteranos ver-	
gório	5.000\$00	€ 31	100\$00	Mão orgu-		melhos	70\$00
Jovem eco-		€ 32	195\$00	lhosa	500\$00		
		€ 34	110\$00	Monte ver-			
							TOTAL 36.760\$00

O AUMENTO FOI INSUFICIENTE o funcionalismo exige mais

A promulgação do aumento, que na maioria dos casos não excedeu os 20%, foi acompanhada de reajustamentos e reclassificações que provocaram descidas de categoria (professores do círculo preparatório e diferentes escalões de funcionários dos ministérios das Finanças e da Justiça o que, em muitos casos, faz baixar nitidamente a taxa de aumento, a ponto de, em alguns, ser praticamente nula. Acresce que os vencimentos publicados não são reais. Sobre eles caem descontos vultosos que vão dum mínimo de £00 e 300 escudos (o que é muito para os pequenos ordenados) a mil escudos e mais.

Na vez mais a generosidade do governo brindou os grandes ordenados: só o aumento colhido pelos funcionários da primeira categoria (2.100\$00) é superior em mais de uma vez e meia ao ordenado com que ficam, depois do aumento, aos funcionários da última categoria (1.900\$00).

O aumento do funcionalismo é fruto das grandes batalhas políticas e reivindicativas travadas ao longo do último ano, com particular destaque para a classe operária e a juventude estudantil e trabalhadora.

Acções de protesto em largos sectores

Admitindo que talvez se entenda que não se alcançou o desejável, o governo antecipava-se ao descontentamento que sabia ir suscitar. Seguindo o exemplo da classe operária e outros trabalhadores em luta, o funcionalismo está dando a resposta que o governo temia:

— Hospitais Civis de Lisboa — No dia 29-1, largos dezenas de delegados do pessoal de enfermagem de todos os hospitais fazem uma concentração junto do ministério da Saúde reivindicando a revisão de serviços e das remunerações. Ao mesmo tempo, marcavam o dia 2-2 como fim do prazo para uma resposta e enviavam uma exposição a M Caetano. Entretanto, em vários hospitais o pessoal de enfermagem recorre à «cerra» e limita a prestação de serviços àquilo que respeita à especialidade e atribuições de cada um. A sua acção vieram juntar-se outros sectores, nomeadamente os maiores e as criadas. A nota dos Hospitais Civis de Lisboa divulgada pela imprensa precisamente no dia 2-2, é sem dúvida uma tentativa para semear a confusão que não impediu que os enfermeiros prosseguissem e intensificassem a sua luta.

Este movimento alastra a outros hospitais. O pessoal de enfermagem, incluindo serventes, recorre à greve no Hospital da Ordem Terceira.

— A indignação foi geral entre os sargentos, destacando-se pela sua acção os sargentos paraquedistas, da Aeronáutica e da Marinha. Na base aérea do Ois, após uma reunião na messe, os sargentos avisaram-se com o comandante da base a quem expuseram o seu protesto, e pedin-

do para que ele fosse levado ao governo; os sargentos paraquedistas recorreram à «cerra» e ao deficiente cumprimento das ordens. Na base do Alfeite, os sargentos da marinha manifestaram por escrito o seu descontentamento às entidades superiores.

— Nos Ministérios da Justiça e das Finanças, os funcionários fizeram greve do zelo durante dias.

— No Ministério do Ultramar, o funcionalismo saiu para os corredores manifestando abertamente o seu descontentamento.

Um forte movimento de protesto tem-se verificado entre os professores de ensino preparatório: abaixo-assinados colectivos; telegramas de protesto de professores de várias escolas aos presidentes da República e do Conselho, ministro da Educação Nacional, presidente da Assembleia Nacional e à Direcção Geral do Ciclo; comissões de professores de algumas escolas avisaram-se com o ex ministro da Educação. Na Escola Luís António Verney, os professores abandonaram as aulas e foram fazer uma reunião com o director geral do ciclo. Reuniram-se os directores das 7 escolas de Lisboa onde se lecciona o ensino preparatório e foram eleitos representantes dos professores em várias escolas. Em certos sectores foi posta a questão de não dar aulas, enquanto numa escola foi dito abertamente ao director: «Então fazemos como os ferroviários!». Nas escolas do ensino técnico e nos liceus de Lisboa, através de telegramas, tem-se desenvolvido um movimento de solidariedade do professorado.

Desencadear novas acções numa base organizada

Ao conceder o aumento, o governo tinha em vista abrandar o descontentamento no vasto sector do funcionalismo, neutralizá-lo politicamente ou chamá-lo mesmo para o seu lado. Os factos mostram que estes planos falharam.

A generalização do clima de descontentamento que se criou, através da promoção de discussões abertas nos locais de trabalho, o estabelecimento de formas simples de organização que sirvam de alicerce a acções reivindicatórias do funcionalismo particularmente das categorias inferiores.

A criação de um sindicato dos funcionários públicos poderia desempenhar um papel muito importante na acção futura do funcionalismo, na defesa de um nível justo de vencimentos e da dignificação da profissão, apresentando-se por isto como um objectivo de luta em torno do qual os trabalhadores se devem unir e organizar levantando um poderoso movimento capaz de vencer a oposição governamental.

Rectificação:

Numa nas edições do postal dedicado a Lénine, no verso, na última linha, onde está 1820, deve-se ler: 1920.

SEMPRE EM ACÇÃO

para as massas e com as massas

Se dirigentes democratas, Comissões de Trabalhadores, de Jovens, de Mulheres — se o Movimento da Oposição Democrática a nível local, distrital ou nacional faz depender a sua acção da autorização governamental e de compromissos com autoridades administrativas ou policiais sobre o que os democratas devem dizer e o que não devem em sessões autorizadas, não só não corresponderão à confiança que as massas populares neles depositaram e à grande combatividade destas, como com essa tendência e orientação legalistas poderão entrar a marcha do Movimento Democrático e mesmo pôr em perigo a sua existência como força política nacional.

Iniciativa, audácia, confiança nas massas

A força de qualquer movimento democrático progressista não reside em declarações mais ou menos sonoras nem mesmo em qualquer programa muito bem elaborado se bem que isso seja muito importante, mas nas massas em movimento, em defesa dos seus interesses imediatos, pelas suas aspirações de liberdade e de progresso.

Para ganhar força e amplitude o Movimento Democrático precisa de dar constantemente provas de iniciativa que vão sempre ao encontro dos problemas sentidos pelas massas, confiança nelas para a concretização dessas iniciativas. As massas populares, com a classe operária à frente, nunca desmentiram a confiança que nelas se depositou. Necessário se torna que os dirigentes se tornem cada vez mais dignos dessa confiança pela iniciativa, firmeza política, coragem política e física.

Incentivar as iniciativas vindas da base, acompanhar dia a dia o seu desenvolvimento orgânico, de mobilização, de propaganda, é um dever que os dirigentes de todos os escalões devem ter sempre presente na sua actividade. Nada pior do que entrar as iniciativas da base quando elas se integram na linha geral do movimento democrático.

A grande lição de Vila Franca

Os democratas, homens, mulheres e jovens de Vila Franca de Xira confiaram no povo da sua terra para comemorar o 31 de Janeiro e tinham razão para isso. Outro tanto não sucedeu com alguns dirigentes, homens e mulheres, da Comissão Distrital de Lisboa do MOD, sob o pretexto de que o 31 de Janeiro era uma data sem significado na parte sul do país. Como se o importante fossem tais bizantinices sobre o carácter e conteúdo da revolta republicana do 31 de Janeiro! O importante é a acção política permanente dos democratas contra a ditadura fascista, pela conquista da liberdade política. E para isso todos os motivos são bons. Esqueceram, porém, que nos anos 40 teve lugar em Lisboa a maior manifestação de massas de sempre comemorativa do 31 de Janeiro.

Por outro lado, partindo da convicção absolutamente factiva de realidade de que o movimento não tinha força suficiente para realizar acções de massas no dia 31 de Janeiro, os democratas de Lisboa, entre os quais se contam naturalmente comunistas, não só não to-

maram qualquer iniciativa, como com tais ideias pessimistas e castadoras acabando por entrar inactivas em curso local.

Estamos certos que todos aproveitarão com a magistral lição que lhes foi dada pelos democratas e o povo de Vila Franca de Xira.

Enfrentar corajosamente as dificuldades

Não, o Movimento Democrático não é fraco e nunca a situação foi tão favorável como actualmente para o seu desenvolvimento. Fraca foi a capacidade combativa de certos dirigentes democratas de Lisboa e a sua inadmissível falta de confiança nas massas populares no momento presente — momento em que por todos os lados se protesta, se reclama, se passa à acção por reivindicações concretas e imediatas.

Há certos elementos, incluindo membros do nosso Partido, que levantam tantas dificuldades para a concretização prática de iniciativas e tarefas que se colocam, mesmo antes de serem feitas, que quando partem para as realizar já vão completamente derrotadas e, por isso, pouco ou nada fazem para vencer.

As dificuldades existem e são muitas, isso é verdade, mas há que enfrentá-las corajosamente, descalçando os pantufos, indo para as massas, apelando para elas, e não fazer como a avestruz quando presente a tempestade.

A luta fraternal, mas firme do ponto de vista político e ideológico pela aplicação prática das consignas e objectivos políticos do Movimento Democrático, deve ser uma constante em todos os escalões do MOD. Ela é absolutamente necessária para o Movimento continuar a fortalecer-se e ampliar-se.

SOBRE AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE LÉNINE

Depois de fazer referências à resolução do Comité Central de Agosto de 1969, numa circular dirigida às organizações do Partido, o Secretariado do Comité Central salienta:

«As comemorações em Portugal têm naturalmente de ter em conta as condições de severa clandestinidade em que o nosso Partido desenvolve a sua actividade e a inexistência de liberdade de expressão do pensamento e de reunião.

Apesar dessas limitações, muito se pode fazer. Salvo situações de carácter conspirativo particularmente delicadas, todas as organizações do Partido estão em condições de dar, dum forma ou doutra, uma positiva contribuição às comemorações.

Que não haja um único organismo do Partido (comité, secretariado, núcleo ou célula) onde se não realize, em qualquer data antes de 22 de Abril, uma pequena reunião total ou parcialmente consagrada ao centenário.

Que todas as organizações e camaras encarem seriamente a realização, em qualquer data antes de 22 de Abril, de reuniões com homens, mulheres e jovens sem partido (operários, camponeses, empregados, estudantes, intelectuais), onde se faça uma pequena palestra sobre Lénine e o leninismo, seguida ou não dum ma troca de impressões.

Mais adiante, o Secretariado do Comité Central destaca:

«Ao comemorar-se o centenário do nascimento de Lénine, COMEMORAM SE TODAS AS GRANDES VITÓRIAS REVOLUCIONÁRIAS DA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA, ligadas indissolúvelmente às ideias e à actividade de Lénine». E cite algumas dessas vitórias.

Noutra passagem da circular do Secretariado de Fevereiro salienta-se:

«Ao comemorar-se o centenário do nascimento de Lénine, reafirmam-se os princípios fundamentais do marxismo leninismo», citando-se alguns desses princípios.

E por fim, «Para nós, comunistas portugueses, as

comemorações do centenário significam também a REAFIRMAÇÃO DA ORIENTAÇÃO MARXISTA LENINISTA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS, designadamente:

- na sua linha política (a luta pelo socialismo e o comunismo e a revolução democrática e nacional, etapa actual da revolução);
- na sua política independente, como partido da classe operária;
- na sua tática (política de unidade, trabalho nas organizações de massas, associação da actividade clandestina e da actividade legal);
- na sua vida interna (centralismo democrático e sua aplicação nas condições de ditadura fascista);
- nas suas relações com os partidos irmãos (solidariedade fraternal e defesa da unidade do movimento comunista na base do marxismo leninismo, do internacionalismo proletário);
- na sua actividade solidária entre os povos de Angola, Guiné e Moçambique.

O estudo do Programa e dos Estatutos do Partido constituem uma boa base para a preparação ideológica das organizações para as comemorações do centenário.

Ao comemorar-se o centenário e ao reafirmar-se a defesa do marxismo leninismo deve seguir-se o exemplo, que Lénine deu ao longo de toda a sua vida, COMBATENDO CONTRA A IDEOLOGIA BURGUESA E A SUA INFLUÊNCIA NO MOVIMENTO OPERÁRIO, COMBATENDO FIRMEMENTE O OPORTUNISMO DE DIREITA E DE ESQUERDA, O REVISIONISMO, O NACIONALISMO.

Este combate deve ser conduzido, tanto no que respeita à situação política portuguesa como no que respeita aos problemas internacionais.

Confiamos, termina o Secretariado na sua circular, que tomareis o tempo e as medidas necessárias para que a vossa organização e todos os membros do Partido participem activamente nas comemorações do centenário do nascimento de Lénine.

A par da preparação política, daí provas de iniciativa e de espírito prático. As comemorações constituem uma batalha ideológica para o reforço da unidade de pensamento e de acção do movimento comunista internacional e de cada um dos seus destacamentos, para o reforço da unidade de pensamento e acção da vanguarda revolucionária da classe operária portuguesa: O Partido Comunista Português.

AINDA O 31 DE JANEIRO

NÃO RECUAR

ante as proibições e ameaças

No Porto, a contrastar com a discrição policial cerca do Coiseu (local da sessão dos divisionistas da ex CEUD), grande concentração de forças repressivas em volta e no cemitério do Prado do Repouso, do cinema Nuno Álvares (onde se realizava o comício dos democratas unitários — MOD) e nos pontos estratégicos da cidade.

No Prado do Repouso, o comandante da força policial quis impedir a homenagem ameaçando com a violência, ao que cerca de 1.000 democratas responderam: **Fora!, Fora!, Abaixo o Fascismo! Todos ao Governo Civil!**

Pouco depois todos saíram em manifestação pelas ruas da cidade, gritando as reivindicações democráticas. A população vitoriosa os corajosos manifestantes. Na Praça da Alegria, a polícia tenta desfazer a manifestação à bastonada mas esta prossegue corajosamente. O trânsito na zona da Batalha e de S. Lázaro fica engarrafado. Uns 300 manifestantes reagrupam-se na Praça dos Poveiros e descem a rua de Entre Paredes até à Batalha e depois para a rua de Santo António (antiga 51 de Janeiro) onde durante cerca de meia hora gritaram palavras de

ordem antifascistas e cantaram a «Portuguesa». A polícia carrega brutalmente refugiando-se muita gente na igreja. Outros, porém, conseguem ainda chegar à Praça da Liberdade onde a polícia carrega de novo com violência. Dispersados aqui para logo se reagruparem mais adiante, os valentes manifestantes mantiveram-se durante 3 horas, dando a conhecer mais uma vez ao Povo do Porto as reivindicações democráticas e a determinação de levarem à frente a luta pela sua conquista.

No palco do cinema Nuno Álvares, um dístico: «**Movimento da Oposição Democrática — MOD**». No balcão e plateia ergueram-se cruzes: «**Apoio aos operários de Oliveira e Ferreira em greve**». «**Para trabalho igual, salário igual**». «**Fim da guerra colonial**». « **regresso dos exilados políticos**», etc. A polícia que invadiu o cinema tenta arrancar as cartazes mas estes passam de mão em mão, de fila em fila e martelam-se. Os oradores são constantemente interrompidos pelo oficial da polícia (o mesmo do cemitério) que ameaça pôr fim ao comício, rosando particularmente contra as alusões contra a guerra colonial. Nada consegue, porém, ante

a calma corajosa dos oradores e os gritos do público: «**Fora!, Fora!**».

Grande manifestação em Vila Franca de Xira

Tal como no Porto, quando no dia 1 de Fevereiro cerca de 500 democratas se concentraram à porta do cemitério local para prestarem homenagem às vítimas do fascismo, encontraram a porta barrada pela polícia de choque que deu ordem de dispersão. Sóa entretanto a palavra de ordem: **Todos para o largo da Câmara!**. A massa avança em silêncio engrossando sempre. Quando chega ao Largo eram já cerca de 800, mas muito mais gente havia nas janelas e nos passeios. 300 manifestantes avançam com ramos de flores. Começa a gritar-se: **Liberdade! Amnistia! Abaixo a PIDE! Abaixo a guerra colonial! Socialismo! Das janelas aplaudem e secundam.**

A massa avança depois para os bairros pobres engrossando sempre. Quando chegam junto da casa dos pais de Octávio Pato, eram já cerca de 1.000, a multidão pára e grita: **Pato!... Pato!... Liberdade!... Momento de grande emoção, canta-se a «Portuguesa».**

Os manifestantes voltam ao centro da vila na intensão de voltarem ao cemitério, porém, junto do mercado a polícia de choque investe raivosa e violentamente

(continua na 6.ª pág.)



APELOS DOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO DAS COLÓNIAS

Vai realizar-se em Roma, nos dias 27 e 29 de Julho próximo, uma Conferência Internacional de Solidariedade aos Povos das Colónias Portuguesas. Da reunião preparatória já realizada em 22 de Janeiro, e em que participou uma delegação portuguesa com representantes do P.P.L.N. e do Movimento da Paz, os movimentos de libertação de Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde lançaram um Apelo à opinião pública internacional, de que transcrevemos algumas passagens:

«Passaram-se 7 anos desde que os patriotas anglo-americanos do Movimento Popular para a Libertação de Angola dispararam os primeiros tiros contra o carcere de Luanda elevando assim a uma nova fase o processo de libertação das colónias portuguesas. Enquanto no resto da África o sistema colonial, condenado pela opinião pública mundial e pela evolução histórica estava em vias de se desmoronar, o governo português intensificando a política de repressão, de domínio e de obscurantismo conduzido há séculos através do modo definitivo as possibilidades de resolução pacífica para a independência.»

Depois de referirmos os êxitos já alcançados pelos patriotas nas colónias, os salientamos que existem extensas regiões libertadas em Angola, Guiné e Moçambique, onde é levada a cabo uma acção de reconstrução racional, que a luta armada se elucida a regiões cada vez mais vastas e que a luta dos povos das colónias portuguesas está intimamente ligada à causa da liberdade no mundo, a FRELIMO, o MPLA, e o P.A.I.G.C. afirmam:

«Neste momento, o desenvolvimento da nossa luta torna necessário que se realize na Europa Ocidental uma Conferência consagrada a uma vasta mobilização da opinião pública mundial e ao desenvolvimento de um movimento político de massas

de modo a impôr uma viragem na atitude e na orientação dos governos que ainda apoiam a política colonial do regime fascista português. Esta Conferência teria como objectivo o reforço da mobilização das forças solidárias dos povos das colónias com vistas a um apoio concreto à luta e aos direitos destes povos.

Apelando para todos os partidos e organizações políticas, sindicais, para todas as personalidades, para todas as forças solidárias com a justa luta dos povos das colónias portuguesas para que participem na Conferência Internacional de Apoio e para que reforcem a expressão e o conteúdo da sua solidariedade, os movimentos de libertação de Angola, Guiné, Moçambique e Cabo Verde sublinham a conclusão:

«Desejamos que esta Conferência permita desenvolver um amplo movimento de solidariedade que pela sua acção conduza ao isolamento do governo português e à cessação da ajuda que alguns governos ocidentais lhe concedem. Isso será uma forma eficaz de apoio à nossa luta, uma contribuição de histórica importância à nossa libertação.»

Trabalhadores! Jovens! Mulheres! Democratas! Este Apelo é igualmente dirigido ao povo português. O povo português responderá da melhor forma intensificando as acções contra as guerras coloniais.

Que cheguem à Conferência Internacional de Solidariedade aos povos das colónias portuguesas milhares de mensagens de saudação!

Que se multipliquem as deserções dos exércitos coloniais! Que ao lado dos jovens, as mulheres e o povo português em geral, gritem nas ruas o seu ódio às criminosas guerras coloniais e reclamem o direito à autodeterminação e independência para os povos de Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde!

AINDA O 1.º DE JANEIRO

(continuação da 5.ª pág.)

contra os manifestantes pacíficos, uma parte dos quais se refugia no mercado que os policiais invadem derrubando tudo. Alguns feridos são levados ao hospital. O padre Carlos Cruz deixa entrar manifestantes na igreja e coloca-se à porta, exigindo a polícia que saia dali, caso contrário seria preso. Indignado com as brutalidades policiais responde: «Então levem-me para a cadeia».

Os gritos de Liberdade, Amnistia, Abaixo o PIDE, Abaixo a guerra colonial, Socialismo, continuam por toda a vila durante algum tempo.

A reacção da população foi de indignação pelas brutalidades da polícia cujos agentes são vaiados: «Cães!», «Bandidos!», «Assassinos!».

Os democratas de Vila Franca não se intimidaram. 150 juntaram-se da parte da tarde num repasto de confraternização, no qual discutiram a experiência da manhã. Arbitrariamente a polícia insiste de novo cercando a casa e dando 15 minutos para saírem. Os democratas respondem que não estão a preparar nenhuma guerra civil e põem condições: a libertação dum jovem preso da parte da manhã, retirada dali da força policial. Aceite isto os democratas abandonaram o local.

Em Almada, Barreiro e Baixa da Banheira

Cerca de 500 pessoas concentram-se em Almada para assistir a um comício autorizado e depois proibido. Justamente os democratas ignoraram a proibição e começaram a cantar canções progressistas.

Lamentavelmente, um democrata tinha-se comprometido com o governador civil de Setúbal

(condição para autorizar a sessão) que não se falaria em guerra colonial e em democracia (?), outros dois quando a massa estava concentrada, explicam a razão porque a sessão não se pode realizar e convidam-na a dispersar. Mas ninguém arreda pé. A polícia grita para dispersar, mas os democratas respondem cantando canções alusivas à liberdade e gritam: Liberdade! Abaixo o fascismo!

A polícia ataca com violência destacando-se os «bravos» agentes na agressão a mulheres. A manifestação e as perseguições policiais prolongaram-se desde as 20,30 até cerca da meia noite.

Também no Barreiro sucedeu o mesmo. Juntam-se algumas dezenas de democratas junto da casa onde deveria realizar-se o comício mas são imediatamente cercados pela GNR. Ante isto rompem a cantar: «Canta, camarada canta...» e em dado momento conseguem safar-se em carros, dirigindo-se para a Baixa da Banheira, onde pouco depois se juntavam mais de 200 pessoas realizando-se um comício democrático em plena rua.

Uma grande jornada de luta democrática de que naturalmente todos os combatentes pela liberdade política saberão tirar a devida experiência para novas e maiores jornadas. Certamente que não deixarão de concluir que o governo tem medo mesmo das mais pequenas manifestações pacíficas. Receia que elas se espalhem como nódoa de azeite e ganhem todo o país, porque sabem bem que não goza do apoio e simpatia do povo laborioso. Daí a repressão policial, a censura à imprensa, o arbitrio, etc, para se manter no poder. Certamente que concluirão também que se torna necessário multiplicar as iniciativas de massas e organizá-las melhor.

Crise explosiva no Médio Oriente

O bombardeamento assassino a uma fábrica de produção civil nos arredores da cidade do Cairo, do que resultou a morte de cerca de uma centena de operários e de outros tantos feridos, insere-se numa política delineada pelos círculos governantes dos Estados Unidos de que os reaccionários expansionistas de Israel são executores directos. Não fora assim e há muito que Israel teria cumprido e respeitado as decisões do Conselho de Segurança das Nações Unidas, retirando todas as suas tropas para as posições de onde partiram em Junho de 1967.

O «erro técnico» com que pretendiam justificar o crime não passa de um recuo de bandidos ante a indignação provocada em todo o mundo.

A situação já de si tensa agravou-se extraordinariamente tornando-se explosiva. Os países árabes feridos na sua dignidade nacional, quer por ataques constantes às suas cidades e aldeias, quer por grandes extensões dos seus territórios estarem ocupados e as suas populações sujeitas a tratamento desumano, de tipo hitleriano, não sofrerão eternamente uma tal situação sem reagirem.

Israel brinca com o fogo, como brincam com o fogo os círculos dirigentes dos Estados Unidos e de Inglaterra que adiam uma solução política da crise do Médio Oriente, podendo assim em perigo a paz mundial.

Os círculos imperialistas, com os norte-americanos à cabeça armando e servindo-se de Israel, procurando argar a expolição das riquezas petrolíferas dos povos da região do Médio Oriente. Com esse mesmo objectivo conduzem uma acção de sapa visando derrubar os regimes progressis-

tas e anti-imperialistas existentes nalguns países árabes.

O perigo de explosão com todas as suas consequências estará sempre latente enquanto os agressores de Israel continuarem a pisar os territórios do Egipto, Síria e Jordânia.

Lutando consequentemente por uma solução política justa da crise do Médio Oriente, ajudando os povos árabes a defenderem-se da agressão, dando-lhes o apoio necessário para fortalecerem a sua capacidade defensiva contra os agressores, a União Soviética está defendendo a paz e os direitos sagrados dos povos decidirem e dirigirem os seus próprios destinos.

SOLIDARIEDADE AOS presos políticos gregos

O governo fascista e militarista da Grécia faz cair uma criminosa vaça repressiva sobre os democratas e patriotas gregos.

Vítimas da repressão policial, 2 presos políticos acabam de perder a vida nos cárceres tascistas da Grécia.

Há milhares de presos políticos, centenas dos quais gravemente doentes e sem qualquer assistência médica em campos de concentração que a história da humanidade há muito condenaram.

Nos tribunais fascistas da Grécia, os democratas continuam a ser condenados a prisão perpétua e a outras pesadas penas.

Manifestemos a nossa solidariedade aos presos políticos e à luta do povo grego! Protejamos junto da Embaixada da Grécia exigindo: «Liberdade para os presos políticos! Abaixo a repressão fascista na Grécia!»

O 19.º CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA FRANCÊS

O Partido Comunista Francês acaba de realizar com pleno sucesso o seu 19.º Congresso, no qual participaram 960 delegados e 63 delegações dos Partidos Comunistas e Operários e dos movimentos nacionais e democráticos.

O Congresso confirmou que o P.C.F. é o grande partido da classe operária francesa, sem o qual não é possível a vitória do povo francês contra o poder dos monopólios, o partido que conduzirá a França ao socialismo. O Congresso manifestou-se unanimemente contra as concepções oportunistas e liquidacionistas de Roger Garaudy a repeliu com vigor todo o anti-sovietismo. O relatório e as teses apresentados pelo Comité Central foram aprovados por unanimidade. Esteve presente uma delegação do Partido Comunista Português e foi lida na tribuna uma saudação do seu Comité Central em que se afirma, necessariamente:

«Os comunistas e os trabalhadores de Portugal acompanham sempre com a maior atenção e interesse a situação política do vosso país. Porque sois a grande e experimentada vanguarda revolucionária da gloriosa classe operária da França, a vossa actividade tem considerável repercussão internacional. A luta da classe operária e dos comunistas de os países está indissolubilmente ligada e os sucessos ou insucessos em qualquer frente de combate

fortalecem ou enfraquecem o movimento comunista no seu conjunto. A causa de qualquer deslucamento do movimento comunista é a causa de todos os demais deslucamentos. Por isso, queridos camaradas, nos congratulamos com as vossas vitórias como se fossem vossas próprias. Por isso desejamos do coração o melhor êxito aos trabalhos do vosso Congresso e os melhores resultados na aplicação das suas decisões.»

«O retorno de coesão e de unidade dos partidos comunistas e operários, da unidade de todas as forças anti-imperialistas, é tarefa primordial para fazer vitoriosamente face ao imperialismo e assegurar novo e vigoroso ascenso à luta pela democracia, à independência nacional, à paz e ao socialismo. A Conferência dos partidos comunistas e operários, realizada em Junho último em Moscovo, confirmou que, inspirado pelos princípios do internacionalismo proletário, o movimento comunista está em condições de cumprir tão decisiva tarefa.»

Pela sua parte, o Partido Comunista Português esforça-se por dar o seu melhor contributo à causa da unidade do movimento comunista, por reforçar os seus laços de cooperação e amizade com os partidos irmãos. No que respeita aos nossos dois partidos, constituem para nós motivo de orgulho as tradicionais relações de amizade fraternal, que são e mais elevadas expressão de solidariedade recíproca de classe operária e do povo da França e de Portugal.»

«O vosso Congresso tem lugar nas vésperas da comemoração pelos comunistas e trabalhadores de todo o mundo do centenário do nascimento de Lênine. Inspirado pelos ensinamentos do teórico e guia genial do proletariado, o movimento comunista e as forças revolucionárias caminham para novas vitórias.»

Rádio Portugal Livre

Transmite todos os dias das 8 às 8,50 em 19 metros; das 19 às 21 horas em 26 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,50 em 26, 32 e 36 metros.